

**O FUTEBOL EM BELO HORIZONTE NAS DÉCADAS
DE 1920 E 1930: AS PARTIDAS E DIVERSÕES, OS SURURUS
E OUTRAS TRAMAS**

Rodrigo Caldeira Bagni Moura¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Brasil

rodrigo.caldeira@ig.com.br

Recebido em 27 de maio de 2010

Aprovado em 16 de julho de 2010

Resumo

O objetivo central deste artigo é compreender o Futebol, nas suas múltiplas expressões em Belo Horizonte, nas décadas de 1920 e 1930, quando com o advento do profissionalismo essa modalidade esportiva se organizou de outras formas. Os jogadores que se destacavam passaram a receber vantagens e incentivos financeiros para jogar, tendo suas experiências com esse esporte impactadas. As fontes foram de natureza bibliográfica, documental e iconográfica. Para constituir as fontes os arquivos visitados foram: o Arquivo Público Mineiro, o Arquivo da Imprensa Oficial, o Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, o Museu Histórico Abílio Barreto, a Hemeroteca, dentre outros. Considero que entender a inserção do Futebol na sociedade belo-horizontina é de fundamental importância para a preservação da memória e do próprio entendimento de quem somos.

Palavras chave: Organização do futebol, Belo Horizonte, Anos 20-30.

Abstract

The Professionalization of Football in Belo Horizonte in the 1920's and 1930's: on matches and diversions, the Sururus and other plots.

The central goal of this article is to understand football in its multiple expressions in Belo Horizonte in the 1920s and 1930s, when, with the arrival of professionalism, this sporting modality organized itself in other ways. The players who excelled started getting

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada: "O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930", defendida no programa de Mestrado em Lazer da EEEFTO da UFMG em março de 2010, sob orientação da Professora Andrea Moreno.

advantages and financial incentives to play affecting the experience of several individuals involved in this sport. The sources were from bibliographic, documental and iconographic nature. To constitute the source, the archives visited were: Arquivo Público Mineiro, Arquivo da Imprensa Oficial, Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto, Hemeroteca and others.

Keywords: Organization of football, Belo Horizonte, 1920s-1930s.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro as federações protagonizaram um papel central na afirmação do profissionalismo no futebol. Entretanto, os “descontentes”, que eram os dirigentes² dos clubes que não aceitavam o profissionalismo no futebol, fundaram novas entidades que defendiam os interesses dos clubes e dos atletas que não queriam que o esporte fosse profissão.

Segundo Salles (2004), “os debates iniciais surgiram de forma ambígua, onde os dirigentes se dividiram entre interessados e contrários ao surgimento do regime profissional. Os discursos geravam argumentos moralizadores que alimentavam ambos os lados” (p. 123)³. O autor, em outro estudo mais recente (2009), se vale das três teses desenvolvidas por Hirschman (1992) com relação às transformações sociais do século XX - a tese da ameaça, a do efeito perverso e a da futilidade - para compreender as mudanças ocorridas no futebol.

² Para maiores informações ver Caldas (1990, p. 68), para quem no Rio de Janeiro os presidentes do Clube de Regatas Flamengo, Sr. Rivadávia Mayer; o presidente do Botafogo Futebol e Regatas, Sr. Paulo Azeredo; e o presidente do São Cristóvão Futebol Clube, Sr. Oliveira Santos foram os principais “descontentes”, pois não aceitavam o profissionalismo no futebol. Ainda de acordo com Caldas (1990, p. 124-125), em São Paulo o Sr. Antonio Prado Junior, presidente do Club Atlético Paulistano, e os presidentes do Internacional, Associação Atlética Palmeiras, Antarctica Futebol Club, Sport Club Corinthians, Sport Club Germânia, Britânia Atlético Club e Club Atlético Santista que fundaram a LAF (Liga de Amadores de Futebol) e eram contrários à implantação da remuneração e do contrato para o jogador de futebol.

³ José Geraldo do Carmo Salles discutiu essas e outras questões na sua tese de doutorado intitulada: Entre a paixão e o interesse – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro, defendida na Universidade Gama Filho, em 2004, Área de concentração de estudos: Educação Física e cultura.

Possivelmente os conservadores, aqueles contrários ao regime profissional utilizavam a retórica da intransigência nas suas argumentações na perspectiva desenvolvida por Hirschman: A) Alguns se sentiam ameaçados com a mudança, pois acreditavam que seu espaço de distinção seria invadido por indivíduos que não apresentavam o mesmo padrão social, e principalmente a eminência da perda de poder (Tese da ameaça); B) outros argumentavam que a mudança de regime poderia provocar um efeito contrário ao que alguns reformadores acreditavam, pois a moralização através do contrato, mesmo que garantisse o espetáculo poderia provocar uma despesa que o clube não teria condições de arcar (Tese do efeito perverso); e, C) outros apenas colocavam que tal mudança não passaria de ilusão, pois não resultaria em nada e que tudo retornaria ao que era anteriormente (Tese da futilidade). (p. 33)

Em Belo Horizonte duas instituições passaram a concorrer pela hegemonia do esporte na cidade a partir de 1932. A Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT), apesar da importância do seu papel, não deixou de ser alvo de muitas confusões que alteraram as experiências dos jogadores de futebol, da assistência e dos envolvidos com o jogo.

As desavenças entre os clubes que compunham a Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT)⁴ levaram à divisão desta entidade, com os insatisfeitos fundando uma outra instituição em 1932: a Associação Mineira de Esportes Gerais (AMEG). Apesar das duas entidades viverem em desarmonia, a questão do profissionalismo - até 1933 - não era uma prioridade para as instituições responsáveis pelo futebol em Belo Horizonte. Os motivos dos desentendimentos entre os clubes, em sua grande maioria, foram algumas decisões arbitrárias dos responsáveis pela condução do esporte na LMDT que, segundo pontos de vistas diversos, favoreciam determinados clubes e determinados jogadores, em detrimento de outros. Alguns desses casos serão explicitados adiante neste trabalho.

⁴ Segundo Ribeiro (2008, p. 119), a LMTD foi criada em 1917 por intervenção da Confederação Brasileira de Desportos.

Pelas especificidades do futebol na capital mineira⁵, as teses desenvolvidas por Hirschman (1992) e apresentadas por Salles (2009), aplicaram-se também no campo esportivo que consolidou-se na cidade.

Em determinados momentos percebi nas fontes alguns ecos que sinalizavam a preocupação dos cronistas esportivos, dos jogadores e dos dirigentes com as despesas que os clubes não teriam condições de arcar, o que vai ao encontro da tese do efeito perverso.⁶ Encontrei também indícios que remeteram à tese da ameaça, principalmente por parte da diretoria do América, que resistiu à idéia do profissionalismo e não queria adotar o futebol remunerado.⁷ Também há indícios que levaram-me a acreditar que os jogadores, principalmente aqueles ligados à elite, não acreditavam que o profissionalismo fosse concretizar-se em Belo Horizonte, e que apesar de toda a repercussão, tudo voltaria a ser como era antes, ou seja, a tese da futilidade⁸ esteve presente nas crenças, ou nas descrenças dos jogadores no futebol remunerado na capital mineira.⁹

⁵ Segundo os estudos de Couto (2003), Ribeiro (2007) e Rodrigues (2006) o primeiro time a surgir em Belo Horizonte foi o *Sport Club Football*, em 10 de Julho de 1904, fundado por Victor Serpa e seus amigos que eram filhos de acadêmicos, de grandes comerciantes e de altos funcionários do estado. Depois de pouco tempo foram fundados mais dois clubes: o Plínio F. C, composto em sua maioria por estudantes de direito e o *Club Athletico Mineiro* (não sendo este o que deu origem ao atual Clube Atlético Mineiro) formado por alunos do Ginásio Mineiro. O *Sport Club* se dividiu em dois times, o Vespúcio e o Colombo. O Athletico também se dividiu e formou uma equipe com o mesmo nome e outra denominada “Mineiro”. Assim, fundou-se a primeira liga de futebol de Belo Horizonte, composta por três clubes e cinco times e foi organizado o primeiro campeonato ainda em 1904. O primeiro campeonato não foi concluído, devido às fortes chuvas que atingiram a capital mineira no final de 1904 e o período de férias escolares. A cidade de Belo Horizonte foi construída e planejada para ser a nova capital de Minas Gerais. Em 1894, foi nomeada uma comissão de técnicos para a sua construção e a inauguração da cidade ocorreu em 1897, estando à frente do projeto Araújo Reis. O projeto para a cidade de Belo Horizonte idealizava uma ruptura com o passado político, econômico e, sobretudo, arquitetônico de Ouro Preto.

⁶ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p. 8.

⁷ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 24 de Fevereiro de 1933, p. 8.

⁸ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 15 de Junho de 1933, p. 6.

⁹ Pelas particularidades da realidade belo-horizontina acredito que outras questões devem ser investigadas nesse contexto, como os times de periferia, as pessoas que comandavam o esporte na cidade e as tramas decorrentes das instituições que despontaram a partir de 1933, Liga Amadora de Futebol (L.A.F.) e Associação Mineira de Esportes (A.M.E). Um aspecto interessante de ser investigado também é que alguns

O poder e o domínio dos esportes eram o que mais importava para as duas organizações concorrentes, LMDT e AMEG, e que eram as responsáveis por gerir o Esporte em Belo Horizonte. Diversos setores buscaram amenizar as tensões entre essas instituições, no entanto, não obtiveram êxito.

Uma das tentativas de acordo foi articulada pela Associação de Chronistas esportivos¹⁰ que buscava solucionar os problemas em prol das rodas esportivas da capital.

Com o passar do tempo, a Liga Mineira começou a receber críticas mais pesadas, pois segundo os jornais, a tolerância dessa entidade estava comprometendo o progresso do futebol no estado. A indisciplina de alguns jogadores atestava que essa instituição era condescendente com os atletas infratores e com os clubes.

A Liga Mineira, na parte que se refere á sua comissão de *sports*, é uma sociedade secreta. O pessoal da Liga assiste aos treinos. Verifica os defeitos e as fallas do nosso *football*. Mas não dá ao povo, que paga para ver até os treinos, nenhuma explicação.¹¹

A imagem que a imprensa construiu dessa entidade foi de omissão e desrespeito com o público que pagava para assistir aos jogos. Várias atitudes foram cobradas na matéria. No entanto, pelo tom da reportagem, percebe-se que os cronistas tinham poucas esperanças de que fossem solucionados os problemas encontrados.

jogadores mineiros foram jogar em outros estados e em outros países. Foi o caso de Ninão e Nininho, jogadores do Palestra, que integraram a equipe da Lazio na Itália, e, segundo Caldas (1990), foram os primeiros brasileiros a jogar fora do país, inaugurando o êxodo de jogadores brasileiros. Nininho e Ninão foram citados por Caldas como os irmãos Fantoni do Clube Atlético Mineiro, entretanto, o autor equivocou-se, pois todas as fontes consultadas mostram que os irmãos Fantoni (Nininho e Ninão) construíram suas trajetórias no futebol jogando pelo Palestra de Belo Horizonte na década de 1920 até se transferirem para a Itália em 1931.

¹⁰ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Domingo, 10 de Abril de 1927, p. 10.

¹¹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 25 de Outubro de 1929, p. 14.

Um manifesto do *Club Athletico Mineiro* aos seus associados e ao povo de Bello Horizonte¹² demonstrou a indignação que começava a surgir naquele momento contra a Liga Mineira de Desportos Terrestres. Em muitos casos o que motivava as insatisfações dos atletas e dos clubes eram os erros que a entidade máxima do esporte não tinha a vontade de corrigir. Muitas falhas de árbitros que ficavam impunes, erros de interpretação absurdos que davam a entender que existia má fé nas decisões, prejuízos para os jogadores que por decisões arbitrárias eram excluídos dos jogos, e até mesmo do esporte, por arrogância ou abuso de autoridade de alguns.

Um caso que representou muito bem os desmandos da Liga foi o do jogador Pantuzzo que atuava na partida Calafate – Fluminense. O fato fora amplamente divulgado pela imprensa. O jogador veio a público manifestar sua intenção de recorrer da decisão que o privou de praticar o futebol nas equipes subordinadas à Liga Mineira.¹³

Na versão apresentada por Pantuzzo, ele afirmou ter agredido o árbitro Alcides Meira em represália a uma grave ofensa que esse lhe dirigiu. O conselho dos julgamentos da Liga Mineira eliminou o jogador dos meios esportivos sem apurar, com critérios claros e com um mínimo de imparcialidade, o ocorrido.

O Calafate, time de Pantuzzo, não se posicionou para defendê-lo, no entanto, a imprensa começou a abrir espaço para o jogador, entendendo que o conselho dos julgamentos não havia apurado as verdadeiras responsabilidades no incidente.

A declaração de Pantuzzo e o que se comenta nos nossos meios esportivos nos permitem duas conclusões sobre a questão em foco, as quais, ignorando esta secção as cores dos *clubs* locais não nos trepidamos em fazer público. A primeira é que, de fato, os dirigentes do Calafate

¹² Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes, Sabbado, 19 de Julho de 1930, p. 10.

¹³ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 28 de Agosto de 1931, p. 9.

cometeram uma irreprovável ingratidão para quem, durante muitos anos, vem pondo ao interesse do *club* todas as suas energias e capacidades de *foot-baller*. A segunda e, pelo que afeta a um órgão de ampla ascendência sobre os filiados da Liga Mineira, mais importante e, por isso mesmo, mais grave, é que o Conselho dos Julgamentos julgou o incidente entre Pantuzzo e o juiz, sr. Alcides Meira, discrecionariamente, não instaurando, como era de se esperar e de sua obrigação, o inquérito imprescindível para apurar as verdadeiras responsabilidades.¹⁴

A decisão de excluir Pantuzzo dos campos de futebol foi interpretada pela imprensa como uma injustiça cometida ao jogador. O fato de o árbitro ser do quadro A, e o jogador de um time suburbano, teria influenciado na decisão, o que para o cronista responsável pela matéria acima, dava-se a entender, que era uma injustiça.

Neste caso, a própria Liga Mineira adota a política do epidiomorfismo, que a todos ferros devemos combater, por julgá-la altamente prejudicial aos interesses do esporte mineiro. Se a Comissão Técnica não quis tomar uma decisão definitiva sobre o caso de Pantuzzo, é porque julgou deficientes as declarações lavradas na súmula, sendo portanto necessário reunir e ouvir as testemunhas do fato, o que não é da sua alçada. Assim não entendem, entretanto, o Conselho dos Julgamentos, pois que, a nosso ver, a eliminação de Pantuzzo foi feita sumariamente, sem consultar os interessados. E esse mau juízo ficará de pé enquanto provas concludentes não nos mostrarem o contrário. - G.¹⁵

Esse episódio, descrito acima, deflagrou uma série de questionamentos e conseqüências que repercutiram em Belo Horizonte afetando as experiências de muitos envolvidos com o futebol. O Alto Tribunal da Liga e o Conselho de Julgamentos começaram a ser duramente criticados e questionados.¹⁶

A LMDT foi acusada de não possuir um código dos esportes, que, para a imprensa, deveria ser entregue para todos os clubes filiados à Liga para que não ocorressem decisões arbitrárias, como a do jogador Pantuzzo.

¹⁴ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sabbado, 29 de Agosto de 1931, p. 11.

¹⁵ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Sabbado, 29 de Agosto de 1931, p. 11.

¹⁶ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 30 de Agosto de 1931, p. 13.

Com toda a repercussão que o caso envolvendo o juiz Alcides Meira e o jogador Pantuzzo tivera, a assistência começou a se manifestar nas arquibancadas.

O juiz do prélio, sr. Alcides Meira, o mesmo que lançou em uma súmula as tremendas acusações que deram causa à eliminação de Pantuzzo da Liga Mineira, esteve, sem dúvida, em situação melindrosa perante a assistência que ocorreu ao *field* palestrino. Os afeiçoados do valente Fluminense, ante a queda deste, não compreenderam que uma derrota é fato natural no *foot-ball*. E, achando que ao juiz cabia toda a culpa dos arroxos de suas amarguras, moveram contra o sr. Alcides Meira descontrolada e sistemática oposição, brindando-o com epítetos nada aceitáveis e enumerando, em palavreado mordaz, os pênaltis que s. s. não consignou a favor do bando de Dario.¹⁷

Os desdobramentos, do episódio descrito acima, podem ser acompanhados pela imprensa. O árbitro começou a ser perseguido pelos torcedores, em função da polêmica que ele se envolveu e da divulgação que o fato teve.

Nesse momento em que o Rio de Janeiro e São Paulo estavam discutindo a questão do profissionalismo, com várias posições sendo defendidas entusiasticamente, é de se estranhar que na imprensa mineira as matérias sobre essa questão tenham desaparecido, ou ficado ainda mais esporádicas. O silêncio, sobre a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte, por parte da imprensa, pode ser um indício que pessoas com outros interesses não queriam promover este debate. Ao desviar-se o foco para um desentendimento em campo entre um árbitro e um jogador, as instituições que deveriam promover o debate de uma questão tão importante para o futuro dos esportes, pretendiam manter o futebol nos mesmos moldes amadores.

Outros casos começaram a ser expostos nos jornais:

Positivamente, nós estamos na época dos casos. Suposto que a evolução do mundo derrama mais luz e conseqüentemente claridade nas cousas, os dias

¹⁷Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e terça-feira, 31 de Agosto e 1 de Setembro de 1931.

que correm formam uma exceção à parte. A fácil compreensão desejada vai tomando assento o obscurantismo. E verdade é que tudo está tão confuso... O *foot-ball*, que é entre as distrações com que se esquece a vida, incontestavelmente, o maior inimigo das trevas, porque a sua prática exige luz e muita luz no ambiente, está também, em Belo Horizonte, sofrendo das conseqüências do emaranhado atual de tudo. Nada menos de três importantes casos estão esperando a solução da Liga Mineira.¹⁸

Dessa forma, a matéria continua com o relato de três casos envolvendo jogadores, clubes e a Liga Mineira. O primeiro envolvendo o Palestra, que entrara com um recurso contra o Vila para anular a partida. O segundo porque a Liga teria eliminado o jogador Gustavo do S. C. Siderúrgica, que havia se transferido para o Vila. E o terceiro envolvendo Humberto do América e o juiz Dunorte, que acusou o jogador em uma súmula. A matéria termina de uma forma irônica: “Como se vê, nada menos que três casos complicados estão esperando a fala da Liga Mineira. O que nos anima é que madame Laila está na Terra e pode dizer-nos sobre o dia de amanhã – G. G. M”.¹⁹

Mesmo que madame Laila tivesse poderes sobrenaturais, penso que ela não conseguiria prever a série de acusações, denúncias, relatos de confusões e sururus dos mais diversos que começaram a ganhar as páginas dos jornais. Num emaranhado de episódios que aguardavam a solução da Liga Mineira os leitores acompanhavam o desenrolar dos fatos.

Com os procedimentos pouco isentos adotados, muitos descontentes também manifestaram-se em público, repudiando as decisões da entidade que comandava os rumos do futebol na cidade, e a situação tornou-se insustentável.

¹⁸Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quinta-feira, 10 de Setembro de 1931, p. 11.

¹⁹Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sabbado, 19 de Setembro de 1931, p. 11.

É importante destacar que a Liga Mineira passou a ser alvo de muitas críticas²⁰ e também passou a ser responsabilizada por tudo que acontecia nos campos, ou fora dele.

Já porque nos competem apontar e focalizar os pontos sombreados do panorama esportivo local, já porque seria, sem dúvida, condenável um indiferentismo nosso em face dos espetáculos que tão amiúde se vêm repetindo em nossos campos, cumpre-nos fazer apelo aos diretores da Liga Mineira no sentido de ser movida uma campanha coletiva da prática da violência pelos jogadores dos clubes que se batem, os quais, com essa nova face de exibições, estão desviando sensivelmente o *football* de sua verdadeira e única louvável finalidade: o aperfeiçoamento físico da raça.²¹

Volta e meia algumas tentativas de aproximação entre os clubes e a Liga Mineira foram articuladas.²² No entanto, essas manifestações de apoio a entidade máxima dos esportes em Belo Horizonte desfaziam-se na mesma velocidade que eram encaminhadas. Nos primeiros sinais de desentendimentos todos ficavam alarmados à espera de uma ruptura definitiva com a Liga Mineira, pois um grupo constituído por clubes opositoristas estava à espera de algum deslize dessa instituição para buscarem os seus direitos.

Os jogos de *foot-ball* que estavam marcados para a tarde de domingo passado, em continuação do campeonato da primeira divisão da Liga Mineira, não se realizaram. Mantendo a atitude, antes tomada de oposição à atual diretoria da nossa maior entidade esportiva, Vila, América e Sete não compareceram às partidas que iriam disputar com o Calafate, Guarani e Palestra, respectivamente.²³

Os clubes de oposição resolveram com essa atitude romper de vez com a Liga Mineira. Enquanto isso, os jornais lamentavam a não realização dos jogos.²⁴

Numa matéria em que o cronista ressaltou a privação de agradáveis emoções que a final do campeonato de futebol, entre América e Athletico, iriam proporcionar, houve a

²⁰ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 20 de Setembro de 1931, p. 18.

²¹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Quarta-feira, 23 de Setembro de 1931, p. 13.

²² Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 4 de Outubro de 1931, p. 10.

²³ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Segunda e Terça-feira, 5 e 6 de Outubro de 1931, p. 13.

²⁴ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Segunda e Terça-feira, 12 e 13 de Outubro de 1931, p. 11.

menção à divisão da família esportiva mineira. No entanto, apesar do termo família sugerir uma harmonia, todos que acompanhavam os jornais sabiam que a Liga Mineira estava muito longe disso. Era apenas retórica, ou estratégia para amenizar a situação. As divergências eram constantes e os desentendimentos eram habituais.

Ao mesmo tempo em que os representantes da Liga moviam-se para processar os clubes que recusaram-se a efetuar suas partidas,²⁵ os clubes dissidentes se articulavam para se fortalecer. Com essa finalidade, promoveram um festival esportivo com dois jogos de futebol, que segundo consta, provocou vivo entusiasmo nos esportistas da capital.²⁶

No entanto, esses problemas afetavam de alguma forma os ânimos dos envolvidos com o esporte. “Quem vive das nossas coisas esportivas não pode afirmar, peremptoriamente, que o dissídio que se abriu no seio da Liga Mineira não arrefeceu muito o entusiasmo dos esportistas locais, no que toca ao *foot-ball*”.²⁷

Para evitar mais abalos na estrutura geral do esporte em Belo Horizonte, uma série de medidas começou a ser pensada. A proteção que deveria vir da Liga Mineira para os pequenos clubes da cidade era uma dessas ações que visavam à manutenção do público nos estádios, ao interesse das pessoas pelo esporte e, principalmente, à permanência da Liga Mineira. Essa entidade, sentindo-se ameaçada, procurava se fortalecer de todas as formas.

Quando, há tempos, em crônicas diárias, focalizamos os diversos apelos do panorama esportivo da capital, não escapou à nossa observação a necessidade de uma proteção segura e eficiente da Liga Mineira aos chamados pequenos *clubs*. Tendo à sua frente não poucos e pequenos obstáculos, apoiados em um corpo social às vezes inexpressivo pelo número, lutando com os mais sérios óbices, os pequenos *clubs*, que os há muito em nossa cidade, vêem não raro os seus esforços anularem-se no melancolismo de um progresso tordo, que a irreverência atual torna ainda

²⁵ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sexta-feira, 23 de Outubro de 1931, p. 11.

²⁶ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 25 de Outubro de 1931, p. 9.

²⁷ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Segunda e Terça-feira, 26 e 27 de Outubro de 1931, p. 14.

mais sombrio. Que de sacrifícios não tem exigido de seus diretores a estabilidade de um *club* como o Calafate, cuja fonte de renda se limita, com certeza às mensalidades de seus associados? Entretanto, mais por milagre que por jogo de finanças, esses *clubs* vivem dentro da ordem e da disciplina, acodem com pontualidade suas obrigações, mantêm simples e decentemente a sua sede, além do muito que indiretamente, do silêncio de seus cantos, sem os foguetes coloridos da publicidade, colaboraram no alevantamento moral e técnico do esporte mineiro.²⁸

Foi necessário que uma crise se impusesse, no seio do futebol mineiro, para que a Liga se mostrasse interessada nos times pequenos. Naquele momento, era importante para a entidade que representava o futebol em Minas Gerais buscar o máximo de apoio possível. É curioso observar a ênfase que o cronista deu ao fato de que, apesar de todas as dificuldades, os clubes considerados pequenos cumpriam todos os seus compromissos de ordem, disciplina, pontualidade e obrigações.

Em uma visita que fizemos ontem à sede do Guarani, sentimos na simplicidade encantadora que enfeitava o interior do prédio, no trato amável dos sócios do *club* indígena, na fidalguia espontânea de seus diretores, que estavam em face de uma colméia de silenciosa e fecunda atividade, onde o clubismo, o partidarismo, o extremismo não tinham ainda, como sobreticiamente fazem, deturpado as estruturas morais. Quem se põe ao contato desses despreziosos grêmios esportivos é que pódê, à evidencia incontestável dos fatos, avaliar o quanto imprescindível se torna um apoio oficial a tão grandes e nobres esforços, despendidos com altivez e sem outros intuitos que não os de auxiliarem, embora sem o espalhafato dos nossos dias, na manutenção do ritmo progressivo do esporte montanhês. Agora, que se pretende fazer geral revisão nos estatutos da Liga Mineira, para moldá-los às necessidades do momento, porque o evolucionismo natural os tornara infenso ao espírito dos dias correntes, a situação dos pequenos *clubs* deve ser objeto das cogitações, afim de que eles possam, ao influxo de uma proteção sólida e constante, alcançar a linha de progresso em que se ostentam os *clubs* poderosos. – G. G. M.²⁹

²⁸ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p. 8.

²⁹ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p. 8.

Há uma indireta menção aos clubes dissidentes, que por serem considerados grandes, e terem menos empecilhos para manterem-se, deveriam agir de forma correta, ordeira e responsável, na visão da Liga Mineira, como os clubes pequenos.

Outra tentativa de resolução do problema foi a intervenção da CBD, que buscou um acordo sem sucesso para acabar com a cisão da LMDT.³⁰ Com o mesmo objetivo o Palestra Itália lançou um manifesto aos esportistas belorizontinos “encarecendo a necessidade da pacificação dos esportes montanhese e convidando os *clubs* filiados à liga mineira para uma reunião especial”,³¹ onde discutir-se-ia a fórmula da reconciliação.

Chamou a atenção, nessas tentativas de resolução dos problemas no futebol mineiro, um ofício da diretoria do Palestra Itália ao Atlético.³² A iniciativa do referido clube foi bem acolhida pelo Atlético que declarou-se partidário da pacificação.

Liderando o movimento de reconciliação, o Palestra Itália reuniu alguns clubes, que enviaram um requerimento à Liga Mineira, solicitando a anistia para os clubes que foram eliminados.³³ Essa união dos clubes era interpretada positivamente nos jornais que sustentavam uma representação funcionalista de esporte: “O caso da pacificação da família esportiva mineira tem sido o centro de interesse de quantos, neste estado, compreendem a elevada importância da Educação Física na melhoria da raça”.³⁴

O que era fortemente discutido em Belo Horizonte em 1932 era a crise que vivia a Liga Mineira. Outro documento solicitando a anistia, aos clubes e aos jogadores

³⁰ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 30 de Janeiro de 1932, p. 11.

³¹ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 1932, p. 15.

³² Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 1932, p. 11.

³³ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 6 de Fevereiro de 1932, p. 10.

³⁴ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 13 de Fevereiro de 1932, p. 9.

eliminados, reforçou o apoio à LMTD.³⁵ Esse impasse vinha se arrastando desde setembro do ano anterior, o que fez com que eu levantasse a hipótese de que esses episódios ganharam uma grande repercussão por parte da imprensa e foram supervalorizados, com o propósito de tirar o foco da sociedade belo-horizontina de outras questões que incomodavam a tradicionalíssima elite da cidade, sendo uma dessas questões a discussão sobre a implementação do profissionalismo.

Entretanto, as pessoas não ficaram alheias a esse debate em Belo Horizonte porque não eram poucos os habitantes da capital mineira que circulavam no Rio e em São Paulo, onde essa questão estava em evidência.

Quando as pessoas pensavam que a anistia seria concedida pela Liga Mineira, e que as coisas estavam acalmando-se, alguns clubes não concordaram com as medidas, o que gerou o agravamento da questão.³⁶ Todas essas confusões que se estenderam por meses, que começaram com decisões arbitrárias do conselho de julgamentos da Liga Mineira e que tiveram vários desdobramentos, culminaram com a ruptura dos times dissidentes e com a fundação de uma nova entidade.

Assim, no dia 11 de Março de 1932, num manifesto dirigido ao povo esportivo de Belo Horizonte, no jornal Minas Gerais, os representantes da recém fundada Associação Mineira de Esportes Gerais (A.M.E.G.) veio a público comunicar sua fundação.

Temos o prazer de participar ao povo esportivo de Minas a fundação da A.M.E.G. (Associação Mineira de Esportes Gerais). Sua origem que parece ter um fundo de rebeldia, em consequência da atitude assumida pelos *clubs* que a constituem, não passa, em realidade, do resultado de um louvável choque de princípios e ideais, verificado no seio da família da L. M. D. T., cujos resultados, apesar da perplexidade estabelecida pelos espíritos

³⁵ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais Terça-feira, 16 de Fevereiro de 1932, p. 12.

³⁶ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda-feira, 22 de Fevereiro de 1932, p. 11.

confusos e arrelentos, de personalismo indomável, muito comuns nas campanhas desse gênero, estão claramente ao alcance da mentalidade serena dos homens equilibrados que se interessam por qualquer das correntes que se definiram: - Conservadora e evolucionista. A A.M.E.G. não é, pois, uma instituição desalmada, nem tem os seus característicos morais flexíveis e plásticos das que se formam ao abrigo de promessas, hipocritamente, preparadas para arma de combate e, portanto, à ação maior ou menor dos obstáculos do meio em que deve atuar.³⁷

Mesmo com a criação de uma nova entidade, a Liga Mineira de Desportos Terrestres continuou atuante e representando uma parcela dos clubes da cidade. Contudo, nesse novo panorama pouca coisa mudou no que tange à postura das duas instituições com relação ao profissionalismo nos esportes. No manifesto da recém fundada entidade ficou claro que a mesma pretendia manter muitos dos princípios que regiam a L.M.D.T.:

Ela é o desdobramento de uma mesma força que por caminhos diferentes se dirigem para os mesmos objetivos, divergentes, é certo, entre si, quanto aos meios e processos. Tem particularidades genuinamente suas em relação ao nosso meio, porque da perspectiva em que se encontra deixa aflorar, evoluído, o elemento psíquico-genético que existia em estado latente, na alma da nossa mocidade esportiva, desde que, em Belo-Horizonte, um pugilo de *clubs* se constituiu em liga, objetivando liderar o esporte em Minas.³⁸

Entendo que toda essa repercussão da divisão dos clubes em duas entidades tenha influenciado na maneira como os sujeitos viviam o futebol nesse momento. Não dava para ficar indiferente ao quadro anteriormente apresentado, que, de alguma forma, afetava a todos e atingia, sobretudo, aos jogadores.

Que tem feito de bom o esporte entre nós? – Construído estádios à custa do estropeamento de algumas centenas de jovens que descem ao gramado dos campos sem preparo cientificamente adequado ao esforço que vão fazer, em defesa de pavilhões que os abrigam, enquanto eficientes e como simulacros de gladiadores romanos para gáudio de uma assistência que paga e faz, impertinentemente, jus a fortes emoções. Ainda bem,

³⁷ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p. 9.

³⁸ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p. 9.

porque são poucas as vítimas; e, tão poucas, que não chegam a desfazer a impressão de que os nossos estádios são obras mortas de arte, erigidas para perpetuarem as glórias da velha Helade.³⁹

Foram essas promessas ambiciosas que a A.M.E.G., na sua intenção de levar a frente uma proposta de intervenção nos esportes, que não tinha sustentação naquele contexto, queria implementar, sem uma real idéia de quais seriam as ações possíveis, apesar de a todo momento seus representantes sustentarem no discurso uma posição de enfrentamento aos problemas que os mesmos conseguiam identificar.

A A.M.E.G. não permitirá a permanência desse deplorável estado de coisas. Ela enviará esforços e sabe como fazê-los para que os seus filiados, como células vivas de uma tendência, como o são as tendências lúdicas, tomem diretrizes que a recomendarão no concerto das instituições que cuidam da eficiência do nosso povo, e por conseguinte, de fortalecer o espírito da brasilidade, de que tanto carece a pátria brasileira para ser grande e feliz. A prática exagerada duma das atividades esportivas, em outras que a compensem, determina o desenvolvimento e até a hipertrofia de certas partes do corpo em detrimento de outras. Rompe, portanto, o equilíbrio das formas e das funções, o que pode acarretar e acarreta, aliás, perigos manifestos. É precisamente o que acontece entre nós. O perigo está nesse exagero desenfreado, acrescido em sua gravidade, do mercantilismo que adúltera criminosamente os meios para a conquista do utilitarismo clubístico e glória fictícia.⁴⁰

Quem viveu esse momento e foi mais afetado por uma transformação tão complexa do futebol foram os jogadores. Em todas as fases da vida esse impacto repercutiu nas experiências dos mesmos. Contudo, os jovens pelo seu envolvimento com o futebol contribuíram demasiadamente para as mudanças.

O amadorismo, que ainda era hegemônico em Belo Horizonte, começou a dar sinais de enfraquecimento, embora poucas ações concretas de profissionalização no futebol

³⁹ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p. 9.

⁴⁰ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p. 9.

fossem efetuadas, até o ano de 1932, na capital mineira.

Os maiores aliados dos jogadores que sonhavam com a profissionalização do futebol em Belo Horizonte eram os cronistas. A imprensa trazia em suas matérias a situação de outros países que haviam adotado o profissionalismo no esporte. Os cronistas traziam à discussão temas relacionados aos incentivos, gratificações e benefícios concedidos aos jogadores. Esse debate fazia aflorar ainda mais as disputas dos jovens em campo.

Faltam dois dias apenas para o jogo entre os mineiros e os fluminenses. E enquanto não chega o Domingo, a gente que mexe com *football* vive discutindo inutilmente. Os rapazes de Belo Horizonte andam cheio de melindres. Brigam à toa. Torcedores do Athletico, Palestra e América continuam a indicar para o *scratch* todos os jogadores de um *club* só.⁴¹

Nesse cenário de disputas, pertencer ao *scratch* também fazia que os ânimos se exaltassem e que a experiência dos jogadores fosse alterada. No entanto, pude perceber que jogar na seleção brasileira, para um *footballer* belo-horizontino, era algo muito difícil de ser concretizado, pois já existia uma rivalidade entre os times do Rio de Janeiro e de São Paulo que disputavam quantos jogadores cada estado cedia para a seleção nacional.

Acompanhando as matérias nos jornais, sobretudo em 1930 e 1934, quando se realizaram as primeiras copas do mundo de futebol, constatei a ausência de uma cobertura, pela imprensa mineira. Esse silêncio nas fontes deu-me indícios da falta de compreensão da dimensão desse evento, e do que ele representava, além do mais, acredito que havia um desinteresse por parte dos leitores dos jornais em Belo Horizonte, pois os mesmos não viam seus ídolos compondo a delegação brasileira.

⁴¹ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Quinta-feira, 24 de Outubro de 1929, p. 14.

Quando se tratava de outros assuntos relacionados ao futebol a imprensa dava uma ampla cobertura, com as mais variadas abordagens. Pude constatar que um tema muito explorado por parte da imprensa eram os sururus, que acabavam envolvendo a todos.

O *Football* é um meio horrível. As discussões sobre os jogos são as piores conversas do mundo. Toda a gente vive brigando e mentindo. Os próprios rapazes que escrevem as notícias enganam os leitores. Cada cronista tem um modo diferente de julgar. Não há ninguém que não torça por um *club*. Até nós torcemos. Mas nós gostamos é do Athletic. Em *football* uma pessoa não conseguirá nunca convencer a outra. E a prova está em que os advogados de Bello Horizonte pertencem a *clubs* diferentes. Na hora dos debates, quem é que vai reconhecer os bacharéis? Eles são eguaes a todos os torcedores. Falam em lógica também. A lógica dos factos. A lógica dos argumentos. E o peor é que a verdadeira lógica ficou perdida dentro de tanta conversa e de tantas discussões inúteis. Toda gente devia abandonar o *football*. Por causa das contrariedades. Das brigas. Das injúrias e dos sururu's.⁴²

Começaram a crescer as opiniões daqueles que pensavam que todos deveriam abandonar o futebol. Os principais argumentos eram a violência, os sururus e os desentendimentos que passaram a ocorrer com frequência entre jogadores e torcedores.

No começo de 1930, um cronista foi mais longe e escreveu uma matéria intitulada: “O *football* não merece o título de desporto”, onde o mesmo começou afirmando que “o desporto estava deseducando a mocidade brasileira”. Após ponderar que existiam outros esportes mais elegantes, como a natação e o “*tennis*”, e de considerar a grande variedade de exercícios físicos que o esporte abrangia, e até de reconhecer que o esporte podia contribuir para o desenvolvimento físico dos praticantes, o alvo passou a ser o futebol que, com duras críticas, foi depreciado pelo autor.

Foi ao *Football* que coube a introdução dessa lamentável possibilidade. Não há partida de *football* que não exija a comparência de um policiamento reforçado. E não há policiamento que se faça por motivos

⁴² Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 11 e 12 de Novembro de 1929, p. 12.

geraes de garantia da ordem em grandes aglomerações ocasionaes. Nos campos de *football*, em todos os dias de partida, o policiamento nunca é, platonicamente, preventivo. Tem de ser repressivo. O sururu é do programma, não só entre o público assistente, em que, de resto, não se podem apurar seleções esmieuçadoras, mas entre os próprios desportistas que tinham a obrigação funcional do bom exemplo de correcção de maneiras. Emquanto não me vier um especialista demonstrar uma excepcional e marcada superioridade do *football* sobre os demais desportos, ao ponto de tornar toleráveis os sururus, a descortezia, a brutalidade que lhe são conseqüentes, eu estou no meu direito de só discordar da preferência injustificada que elle está tendo entre nós, como até de pleitear a sua prohibição, como elemento de perturbação da ordem pública.⁴³

Nesse cenário complicado, alguns jogadores tiveram suas trajetórias influenciadas por essa visão negativa do futebol. Ofensas que, quase sempre, eram resolvidas ao fim dos jogos e que demonstravam atitudes sem precedentes. Pescoções, chutes e discussões.

Domingo optimo para os que têm a mania do *foot-ball*. Para estes Bello Horizonte já não é uma cidade sem diversões. Nesta época de grandes jogos pode ir-se para os campos depois da missa das dez e voltar ao anoitecer. No *stadium* do Athletico, a população continua a fugir do domingo, que até as pessoas de fora consideram um dia inferior. As 12 horas, a archibancada enchendo. Senhoras chegando por affeição aos logares. Para torcer, para gritar. As contrariedades sportivas acima dos pequeninos desgostos domésticos. Mais dignas e elegantes. E com a vantagem de serem desabafadas publicamente, contra o juiz, contra os jogadores e contra todos os factos que não forem comprehendidos immediatamente.

(...)

Jogo alegre. Perigos freqüentes para um *club* e para outro. Incidente. Quase soccos. Quase briga entre jogadores. Os que não queriam brigar segurando os que estavam com vontade. Thomaz, do São Christovam, em lucta com Said, do Athletico. Intervenção. Policia no meio do campo. Duque Costa pacificando com elegância. Gente falando em elevação de nível e fraternidade aos que se queixavam de ponta-pés e empurrões.⁴⁴

Possivelmente, quem falava de elevação de nível eram as pessoas da elite, pois os mesmos estavam acostumados com um outro jogo, que já não existia mais. Agora, aquele

⁴³ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 4 de Janeiro de 1930, p. 10.

⁴⁴ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Segunda e Terça-feira, 22 e 23 de Julho de 1929, p. 10.

jogo burguês que os estudantes da elite trouxeram para o Brasil, quando regressaram da Europa, dera lugar a um esporte que envolvia muitos interesses. Esse esporte foi, ao longo das primeiras décadas do século XX, atraindo jovens de diversas camadas da população, que ao se envolverem com essa brincadeira de chutar bola nas ruas e nos campinhos iam aperfeiçoando-se, gostando cada vez mais dessa prática e sentindo-se no direito de disputarem seus lugares nos times existentes na capital mineira.

Aí está uma possível explicação pelo aumento exponencial dos sururus nos campos. Uma disputa pelas melhores posições nos times e no cenário futebolístico da cidade. Quando esse espaço nos times não era concedido, os moradores da periferia fundavam seus próprios times nos bairros em que moravam. Assim, muitas equipes proliferaram em Belo Horizonte em todas as partes da cidade.

Tudo isso impactou os *footballers*, que viviam no cotidiano respirando esse jogo mágico, num período em que alguns sonhavam em profissionalizarem-se e pretendiam fazer do esporte, nos moldes europeus, uma atividade higiênica e que, numa perspectiva funcionalista, contribuísse para fortalecer seus corpos, pois os sururus exigiam ainda mais dos jogadores.

Antigamente não se admitia uma partida de Futebol sem o respectivo sururú. Os ponta-pés e os pescoções entre jogadores e as sucessivas pancadarias entre os torcedores faziam parte integrante de um espectáculo futebolístico. Sem esse colorido, a pugna, por mais empolgantes e arrebatadores que fossem os seus lances, tornava-se até desinteressante. Futebol sem briga, noutros tempos, era coisa rara: o mesmo que moça ajuizada no século vinte...⁴⁵

⁴⁵ Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte. Futebol de hontem e de hoje. Num 97. Alcides Curtiss Lima. Outubro de 1938.

Entretanto o futebol - por diversas características desse jogo, como: a simplicidade das suas regras, o baixo custo para sua realização e, sobretudo, a sedução que esse esporte despertava nas pessoas - foi transformado de um simples jogo de bola, num envolvimento afetivo com uma prática capaz de mexer com emoções, de colocar os expectadores e os jogadores em situações inusitadas, de aproximar o povo.

Uma das especificidades mineiras foi a força do futebol nas cidades do interior do estado no início do século XX, como por exemplo em algumas cidades como Nova Lima, Juiz de Fora, São João Del Rei, Formiga, Muriaé e Ubá. Vários personagens que aprenderam a jogar o futebol nessas localidades do interior destacaram-se no futebol brasileiro, entre eles: Mario de Castro, Jairo, Nicola e Guará. Muitos jogos amistosos aconteceram entre os times de Belo Horizonte e os times do interior do estado, o que criou rivalidades, mas também ajudou a disseminar ainda mais o futebol.

Contudo, é importante pensar que o esporte era compreendido como uma prática moderna. Para muitos, ele deveria afirmar essa prerrogativa a partir de uma adequação de suas regras, no sentido de afastar os aspectos que o descaracterizavam. Era importante que o esporte inspirasse organização, justiça e atitudes entendidas como civilizadas.

O futebol possibilitava a expressão de desejos, estabelecia uma junção de corpos que se confrontavam, mas que também se completavam e interagiam. No entanto, alguns cronistas constataavam com pesar que a situação estava mudando.

Hoje, a coisa está mudada. Os sururus desapareceram do cartaz. A tradicional pesca de um juiz para dirigir a partida também acabou-se. E os jogos já não ficam mais pelo meio. Começam e acabam. Os juízes não mais apanham no campo de futebol. Nem tampouco são desrespeitados nas suas decisões. Os espetáculos começam à hora certa, sem atraso de um minuto sequer. A expressão está na hora! Já não mais se ouve nas praças de esportes. A disciplina, dentro e fora do gramado, é um facto.

Um campo de futebol com dez mil espectadores e vinte e três homens dentro do gramado (os dois *teams* e o juiz), apresenta apenas a vibração provocada pelos lances culminantes da refrega. Sem insultos, sem brigas, sem cavallarianos dentro da cancha e sem continuas paralyações.⁴⁶

Para o cronista que tinha vivido um outro tempo, as constatações acima alteravam a dinâmica do jogo, pois tirava a imprevisibilidade do mesmo, desprezava o imponderável, controlava aquilo que deveria ser incontrolável e era, de alguma forma, tirar a beleza e os encantamentos do futebol.

No entanto, eram poucos os que pensavam dessa forma. As posturas mais comuns podem ser identificadas nas fontes como a do dr. Saint' Clair Valladares Junior.

O dr. Saint' Clair Valladares Junior conseguiu modificar os costumes dos jogadores e dos torcedores. Àquelles, ensinou como praticar o futebol dentro de um elevado espírito sportivo; e a estes, como se portar num estádio, applaudindo e não hostilizando os *cracks*. Aos juizes, eternas victimas da era dos torcedores e do *team* vencido, o presidente da liga de Futebol de Bello Horizonte descobriu um meio como conserval-os intactos dentro do campo e senhores da situação. O auxilio da policia muito tem contribuído para o êxito da campanha moralizadora do nosso futebol. A administração Saint' Clair Valladares é merecedora do respeito e da consideração com que se vem impondo. O presidente da entidade especializada está realizando um milagre que a outros santos pareceu impossível...⁴⁷

O futebol tinha muitas peculiaridades. Existiam muitas formas de envolver-se com esse esporte na cidade, como a partir de uma aproximação com as pessoas que compunham as colônias italianas, espanholas, e sírio-libanesas em Belo Horizonte. Essas colônias contribuíram para a fundação de clubes recreativos, onde a prática do futebol foi incentivada e a rivalidade foi acirrada.

⁴⁶ Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte. Futebol de hontem e de hoje. Num 97. Alcides Curtiss Lima. Outubro de 1938.

⁴⁷ Arquivo Público Mineiro - Revista Bello Horizonte, Outubro de 1938.

Eram pouquíssimos aqueles que conseguiam perceber que os sururus faziam que o jogo ganhasse em vivacidade, em sentimento, em razão de ser.

O espírito esportivo que estava sendo preconizado convivia com a compreensão de uma dinâmica própria do futebol, que foi sendo re-significado pelos belorizontinos, que criaram uma forma peculiar para essa prática e que estava sendo ameaçada pelas tentativas de padronização, tão presentes nos discursos dos moralistas e dos pseudo-defensores do progresso, e de um olhar engessado para essa prática social.

A Liga Mineira foi uma legítima representante desse movimento de engessamento, protagonizou muitas polêmicas e envolveu-se em autênticos sururus. Não foi à revelia que foi intitulada nas fontes como o supremo tribunal da encrenca esportiva.

Os sururus foram associados também ao amadorismo. Para os defensores do profissionalismo como o presidente do Athletico dr. Thomaz Naves.

Outra coisa que entra pelos olhos é que o regime profissional melhorará cento por cento a classe do nosso futebol. Assistiríamos, exibições, do verdadeiro “soccer” e empolgante. Mas não é só isso. Por que motivo foi rareando progressivamente até hoje a assistência aos nossos embates? Cita-se em resposta justamente a decadência do “*association*” bellorizontino proporcionando aos afficionados dia para dia peores exibições. Essa razão não pode ser encarada, a nosso ver, como de ordem precípua, porque há outras de vulto igual ou maior. São ellas: “sururus” freqüentes, chegando a constituir raridade a sua não verificação em jogos importantes: discussão de jogadores com juiz; demora excessiva e desabusada no início das partidas, em inobservância completa nos horários estabelecidos para a orientação do publico, etc. etc. Os amantes ferrenhos do amadorismo falso allegariam a possibilidade de serem sanadas muitas dessas irregularidades, independentemente da mudança de regime, coisa que nos parece de todo absurda. Por campanha victoriosa em favor do profissionalismo no Rio e São Paulo, foram esclarecidas todas as vantagens do regime moralizador.⁴⁸

⁴⁸ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 27 de Abril de 1933, p. 8.

Entendo que todas as tramas que antecederam a efetivação desse movimento conduziram à concretização e a afirmação do futebol remunerado, bem como a permanência do futebol amador.

Considerações finais

Pude perceber que algumas pessoas acreditavam que os sururus acabariam com o advento do profissionalismo. Era de esperar-se que com uma relação mais profissional, a organização nos bastidores das partidas fosse aperfeiçoada e que esse processo tivesse reflexo no transcorrer das partidas. No entanto, os sururus permaneceram, pois o interesse pelo jogo ampliou-se e o futebol passou a ser praticado por mais pessoas de variadas camadas da população que envolviam-se de formas diferenciadas no campo esportivo.

Existiam pessoas que tinham muitas restrições ao profissionalismo no futebol mineiro. O principal argumento utilizado era que a baixa presença de público nos jogos e as pequenas rendas que os mesmos proporcionavam eram incompatíveis com as demandas que os clubes teriam.

Contudo, o movimento deflagrado pelo presidente do Athletico e o receio que houvesse novos conflitos no futebol mineiro fizeram com que o profissionalismo fosse instituído, alguns meses depois do Rio de Janeiro, também em 1933, culminando no primeiro campeonato de futebol profissional realizado em Minas Gerais.

Durante toda a pesquisa busquei compreender os impactos nas experiências dos envolvidos com o futebol nas décadas de 1920 e 1930 em Belo Horizonte, porém fui percebendo no decorrer do trabalho nos arquivos, e com a análise das fontes, que embora algumas evidências pudessem ser relacionadas com a passagem do amadorismo para o

profissionalismo no esporte, é prudente ter muita ponderação para não fazer afirmações precipitadas, pois o período investigado foi muito curto para tirar conclusões definitivas.

Pelas particularidades⁴⁹ locais faz-se necessário que outros pesquisadores investiguem mais detidamente o final da década de 1930, e as décadas de 1940 e 1950, para fazer inferências mais contundentes aos impactos nas experiências dos sujeitos com a emergência do profissionalismo em Belo Horizonte num período mais estendido.

Referências bibliográficas

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2003.

HIRSCHMAN, Alberto O. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. A contribuição do Football na transformação do espaço em lugar em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX. XI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, 2009.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2007.

RODRIGUES, Marilita A. A. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Tese (Doutorado em História). UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SALLES, José Geraldo do Carmo. *Entre a paixão e o interesse – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

⁴⁹ Para mais informações sobre as particularidades do futebol em Belo Horizonte ver artigo de Rodrigo Moura (2009).

_____. *História Política do Futebol Brasileiro* – A tensão inicial do processo de profissionalização. Coletânea do XI Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, maio de 2009.